

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
EM LINGÜÍSTICA**



**UNIFRAN**  
Universidade  
de Franca

**MESTRADO/DOCTORADO**

**Linha de pesquisa**

**Discurso: sentido, comunicação e representação**

**PROJETO:**

**MATERNIDADE E CIÊNCIA: AS VIDAS QUE NÃO CABEM NO LATTES**

**Responsável:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Luciana Carmona Garcia

Os dizeres sobre a mulher nas mídias digitais contemporâneas têm emergido segundo situações de enunciação que (re)atualizam certos imaginários sociais e ideologias acerca de seu papel na nossa formação social. Ainda que se inscrevam em diferentes condições de produção, sua circulação ampla se articula, de certo modo, a uma “autorização” que ratifica formações ideológicas machistas. No campo científico, a mulher é marcada por estereótipias (cf. AMOSSY & PIERROT, 2010) sobre seu lugar de cientista, pois enquanto mulher, seria “menos capaz” que o homem que assume tal posição. Sua condição de mulher lhe impinge responsabilidade sobre o prejuízo à pesquisa. Assim, diante de uma declaração feita pelo presidente, de que “as mulheres deveriam ganhar menos por engravidar”, entendemos que há dizeres sobre o papel da mulher e a temática da Maternidade no currículo Lattes que produzem sentidos que reafirmam um discurso recorrente a partir de uma FD machista, que cerceia a mulher como parte da sociedade, pois precisa provar a maternidade como parte do fracasso científico ou como ônus que lhe transforma em heroína. Assim, entendemos que a Formação Discursiva (FD) machista perpassa os discursos de modo a não inscrever um lugar, mas reafirmar um não lugar da mulher além do espaço “privado”. Trazemos como corpus de análise reportagens acerca da Maternidade no Lattes que, ainda que pareça, não se descolam de uma FD machista, e se colam a um dispositivo (cf. FOUCAULT, 2015) que alça determinado sentido como objeto estratégico e continua se perpetuando funcionalmente nos discursos. Nesse ínterim, seria necessário inserir a maternidade no lattes como um período menos produtivo que justificaria essa “queda” na produtividade, e, também, corroboraria com a ideia de uma mulher super, pluri, múltipla, quase um não humano/super humano; o que nos permite dizer que a formação discursiva da mulher heroína também é perpassada pela formação discursiva machista, já que a mulher não

ocupa um lugar específico, está em um não lugar. Para tanto, seriam, então, criados dispositivos que buscam dar conta desse não lugar, tal qual inserir a maternidade noattes na tentativa de problematizar esse espaço que, diante dos corpora analíticos, não é nenhum lugar. Há, pois, um atravessamento constante que desencadeia sentidos outros que, de um lado, não abrem espaços para a mulher e, de outro, reafirmam o lugar que ela supostamente deveria ocupar, o espaço "privado"

**Palavras-chave:** Análise do Discurso, maternidade, mulher, mãe, ciência, cientista.